

A PRESENÇA DA ANCESTRALIDADE EM NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E MIA COUTO

Franciane da Conceição Silva* *

Resumo

No presente trabalho faz-se um estudo das personagens Mariamar e Ponciá Vicêncio, dos romances *Confissão da Leoa* (2012) e *Ponciá Vicêncio* (2003), respectivamente. Nesse sentido, analisa-se a relação das protagonistas dessas obras com os seus ancestrais, representados pela figura do avô, e a influência que eles exercem na construção da identidade de suas netas e na maneira como se relacionam com o mundo e consigo mesmas.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana. Literatura Afro-brasileira. Personagens Femininas.

THE PRESENCE OF ANCESTRY IN NARRATIVES BY CONCEIÇÃO EVARISTO AND MIA COUTO

Abstract

This article is a study of Mariamar and Poncia Vicencio characters, in the novel *Confissão da Leoa* (2012) and *Poncia Vicencio* (2003), respectively. In this sense, we intend to analyze the relationship between the protagonists of these works with their ancestors, represented by the grandfather figure, and the influence they have in the construction of their granddaughters and the way they are related to the world and with themselves.

Keywords: Mozambican Literature; Afro - Brazilian literature; Female characters.

Recebido em 24/01/2018
Aceito em: 12/02/2018

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa. Bolsista CAPES.

A relação dos povos africanos com os seus ancestrais é marcada pelo respeito e devoção. Para as culturas de matrizes africanas, os idosos são os sábios da comunidade, aqueles que possuem o conhecimento e podem garantir a continuidade do grupo. Desse modo, quando um ancião ou anciã parte para o outro plano, não é esquecido e, muitas vezes, torna-se ainda mais presente do que quando estava vivo. Depois de sua morte, seus descendentes fazem perpetuar os seus saberes, que são fundamentais para que o grupo permaneça coeso e cada vez mais forte. Assim, o ancestral que deixou uma contribuição significativa para a comunidade é lembrado, celebrado e respeitado dentro das culturas de matrizes africanas. Nessa medida, é possível afirmar que:

Intermediando o vivo e morto, bem como as forças naturais e as do sagrado, estão os ancestrais, ou seja, os antepassados que são “o caminho para superar a contradição que a descontinuidade da existência humana comporta e que a morte revela abruptamente”. Eles são, assim, ao mesmo tempo próximos dos homens, dos deuses e do ser supremo, cujas linguagens dominam. Estes devem ser compreendidos não só no sentido africano, como espíritos dos antepassados mortos cujos corpos jazem sob a terra, mas como costumes, valores e tradições. (PADILHA, 2007, p. 27).

Na África, aqui destacando os países de africanos de língua portuguesa, os ancestrais influenciam diretamente na vida dos seus descendentes. As tradições, os costumes, os valores e muitas das marcas identitárias das comunidades africanas são definidas de acordo com a relação que o grupo estabelece com os seus antepassados. Nesses espaços, como acentua Moema Augel, estudiosa das culturas da Guiné-Bissau,

A ligação entre o visível e o invisível, o natural e o sobrenatural é muito estreita e importante [...]. Sobretudo nas comunidades rurais (mas não só), a vida social é regulamentada pela consulta à força sobrenatural que vai possibilitar o contacto com o sagrado, vai propiciar o acesso aos recursos da natureza, regular a disponibilidade da força de trabalho ou mesmo interferir nas relações intergrupais. (AUGEL, 2007, p. 92).

No entanto, não é apenas na África que os ancestrais influenciam de maneira direta na vida dos seus descendentes. Podemos perceber que essa estreita relação com a ancestralidade também ocorre entre os negros brasileiros, sobretudo, em algumas comunidades quilombolas, nas quais os moradores preservam muitas das tradições milenares herdadas dos seus antepassados africanos. Dessa forma, também com relação ao Brasil, cabe ressaltar que:

Mesmo em momento como o atual, em que é outra a correlação de forças ideológicas, não desaparece totalmente a presença significativa da ancestralidade, sobretudo entre as camadas não letradas. [...] Haverá assim, a ancestralidade discursiva do texto oral, a constelação de figuras de velhos como forma de plasmá-la imagetivamente e, por fim, uma luta surda contra morte que, sendo descontinuidade, se pode exorcizar pela certeza da ancestralidade. (PADILHA, 2007, p. 27).

A tematização da ancestralidade tornou-se recorrente em várias áreas de estudo, entre elas, a literatura. Nesse sentido, muitos escritores e escritoras africanos(as) e afro-brasileiros (as) têm abordado com frequência essa temática em suas produções. Dentre as muitas obras

que trabalham com esse tema, destacamos, no Brasil, o romance **Ponciá Vicêncio** (2003), da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, e, na África, o romance **A confissão da leoa** (2012), do escritor moçambicano Mia Couto. Em ambas as obras, a relação das protagonistas com os seus ancestrais, representados pela figura do avô, influencia, de maneira direta, na formação da identidade dessas e na maneira como elas se relacionam com o mundo e consigo mesmas. Uma apreciação mais direta das duas obras permitirá verificar muitos dos traços salientados até aqui. Iniciaremos nosso estudo com a análise da narrativa moçambicana.

O romance **A confissão da leoa** (2012), de Mia Couto, conta a história dos moradores da Aldeia de Kulumani, norte de Moçambique, que passam a ser mortos e atacados por leões. Com a missão de matar as feras, é enviado para a aldeia um experiente caçador, Arcanjo Baleiro. A questão é apresentada, no romance, por narrativas intercaladas, em primeira pessoa, nas quais se sobressaem as vozes de dois narradores: Mariamar, que assume o que se conta na “Versão de Mariamar” – e Arcanjo Baleiro, narrador dos apontamentos do “Diário do caçador”. A narração dos dois personagens vai apresentando não apenas a sua própria história, mas também a de outros personagens, revelando os muitos mistérios que os envolvem. Dentre as muitas questões que estruturam a narrativa, destaca-se a denúncia da opressão sofrida pelas mulheres do Norte de Moçambique e, nesse, contexto, Mariamar, personagem central do romance, torna-se uma das maiores vítimas da violência a que as mulheres de Kulumani são submetidas.

Rejeitada pela mãe e abusada sexualmente pelo próprio pai, é abandonada pelo único homem que amou, além de marcada por estranhas doenças que a acompanham da infância até a vida adulta. Condenada ao sofrimento e ao silenciamento numa terra em que as mulheres nada valem, especialmente as inférteis, Mariamar, vai se anulando, se fechando pouco a pouco.

Eu era uma coisa e seria enterrada como um objeto na poeira de Kulumani. Eu, Mariamar Mpepe, estava duplamente condenada: a ter um único lugar e a ser uma única vida. Uma mulher infértil, em Kulumani, é menos que uma coisa. É uma simples inexistência. (COUTO, 2012, p. 121).

Em meio a esse contexto de amarguras, Mariamar busca aconchego na escrita e, sobretudo, no avô Adjiru Kapitamor. Adjiru, sendo a única referência de afeto de Mariamar, constitui-se em ponto de equilíbrio da neta. É ele que, para abrandar os pavores da jovem, a protege e dá-lhe esperanças de um futuro menos obscuro. Podemos comprovar essa assertiva com um fragmento do romance abaixo destacado:

As trevas, dizem, são o reino dos mortos. Não é verdade. Tal como a luz, o escuro só existe para os vivos. Onde os mortos habitam é no crepúsculo, nessa fresta que entre o dia e a noite, onde o tempo em si mesmo se enrosca. Quem vive no escuro inventa luzes. Essas luzes são pessoas, vozes mais antigas que o tempo. A minha luz sempre teve um nome: Adjiru Kapitamor. O meu avô ensinou-me a não temer as trevas. Nelas descobriria a minha alma noturna. (COUTO, 2012, p. 235).

Além de ser uma espécie de farol que guiava os caminhos de Mariamar, Adjiru Kapitamor era, segundo a neta, responsável por feitos fabulosos, pois, “para além do rio, o avô já confeccionara penedos, abismos e chuvas. Tudo graças às poderosas *mintela*, as mezinhas

e os amuletos dos feiticeiros” (COUTO, 2012, p. 47). O velho mais próximo de Mariamar sabia de mistérios e segredos que as outras pessoas desconheciam e, mesmo antes de morrer, já estabelecia uma estreita relação com os mortos. Dono de uma sabedoria milenar, Adjiru via além dos outros moradores da comunidade. Por isso, em uma cultura em que as mulheres eram impedidas de seguir o seu próprio caminho, Adjiru previa um futuro ambicioso para a neta:

O estatuto do meu avô era inalcançável. Adjiru fora mais que um *mwenickaya*, um chefe de família. A sua autoridade sempre se estendeu a toda a vizinhança. Era um mando silencioso, sem proclamações, de quem exerce grandeza sem precisar de palavra. Mas, eu, Mariamar, era pra ele uma pessoa especial. Para mim, o nosso “mais antigo” reservava o mais enigmático presságio.

- Você, Mariamar, veio do rio. E ainda há de surpreender a todos: um dia, você irá para onde o rio vai – vaticinou ele. (COUTO, 2012, p. 48).

O mar, significante que integra o nome de Mariamar, lhe trazia conforto e aconchego, a mesma sensação que sentia quando estava ao lado de Adjiru, o seu avô. Ao escolher o nome da neta, Adjiru sabia que a sua salvação viria das águas. Nas águas, Mariamar estaria em segurança, porque ali descansavam os seus ancestrais. A escolha do nome da neta tinha a missão de garantir a sua salvação:

Tinha sido ele que, ainda eu em estado artesanal, me concedera este meu definitivo nome: Mariamar.

-Não te dou apenas um nome – disse. – Dou-te um barco entre mar e amar.

Foram essas as suas palavras no meu segundo batismo. E disse mais: que eu não precisava de nenhum ritual para ser mulher. A mulher que eu ia ser já estava dentro de mim. (COUTO, 127, p. 125-126).

Mariamar, desde a infância, fora atacada por doenças estranhas, sem causa aparente: acessos de fome, paralisia repentina das pernas, entre outras. Um pouco antes da morte de Adjiru, Mariamar tornou-se vítima de mais uma dessas enfermidades, quando, de maneira súbita, ela se converteu em criatura inanimada ficando apenas com o sentido da audição. Ao ver a neta presa nesse estado vegetativo, Adjiru tentou curá-la, utilizando toda a sua sabedoria, que, no entanto, em nada funcionou. Um ano depois da morte do avô, Mariamar, ainda inválida, foi levada à cama do falecido e, desde a viagem, acontecimentos estranhos irão alterar a sua imobilidade:

O falecido tinha deixado expresso o desejo de me ver presente na cerimônia. Eu já regressara a casa, mas a minha condição não se alterara. Ninguém quis transportar-me naquele estado, estrada afora. Podia contaminar as viaturas. Optaram por me conduzir numa embarcação, rio abaixo, até ao bosque sagrado onde repousavam Adjiru e o bisavô Muarimi. À força de braços passaram-me para o convés da embarcação. Nesse momento, o meu corpo resvalou e tombei, desamparada, nas águas do rio Lideia. Dizem que desapareci no leito fundo e permaneci imersa tempos sem fim. Quando, finalmente, me retiraram, eu tinha no olhar o deslumbramento de quem acaba de nascer. Aos poucos fui comparecendo perante o mundo. Dei uns passos bêbados em redor, sacudi os ombros como se me libertasse de invisível fardo. (COUTO, 2012, p. 190).

Como podemos ver, no fragmento acima, depois de um longo período vítima de uma estranha doença, Mariamar foi curada da enfermidade, ressurgindo como Fênix, curada pela força das águas do rio Lideia, em cujo leito seu corpo, inerte pela doença, permaneceu longo tempo. Pode-se dizer que, nas águas do rio, Mariamar encontrou as forças deixadas pelo ancestral Adjiru, aquele que, em vida, dera à neta um nome ligado às águas. Assim, mesmo morto, o avô continuava agindo em favor da neta. Diante desse fato, é possível apreender que:

O poder dos antepassados manifesta-se na vida material e, também, na espiritual, significa que os mortos estão entre os vivos continuando a fazer parte ativa do clã, continuam em perfeita harmonia com os seus descendentes, interferem nos atos dos vivos, causam-lhe doenças, os curam, enfim, diminuem ou reforçam a sua força vital, lhes proporcionam coisas boas ou ruins, lhes provocam sonhos agradáveis ou pesadelos. (DIONÍSIO, 2013, p. 74).

Conforme vimos, Mariamar era uma pessoa especial para o seu avô, por isso, enquanto esteve vivo, ele foi o seu guia e protetor. A morte de Adjiru, no entanto, não o afastou da neta. Mesmo morto, Adjiru Kapitamoro se constitui como uma presença-ausente. Desse modo, ele continuava existindo, embora em condição diferente da dos vivos. Continuava participando dos acontecimentos que se relacionam à vida dos parentes e, sobretudo, de Mariamar. Essa perspectiva diferenciada da morte e do tempo fica corroborada, pela narrativa. A fronteira invisível entre vivos e mortos e entre os tempos passado, presente e futuro é percebida pela estudiosa Leda Maria Martins como característica do que ela denomina tempo espiralar:

O tempo espiralar é uma percepção cósmica e filosófica que entrelaça, no mesmo circuito de significância, a ancestralidade e a morte. Nela o passado habita o presente e o futuro, o que faz com que os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estejam em processo de uma perene transformação e, concomitantemente, correlacionados. (MARTINS, 2002, p. 79).

De acordo com o está expresso na citação, é possível afirmar que, nessa percepção de tempo, a morte não determina o fim da existência, porque, como afirma o romance, “os mortos não estão ausentes: permanecem vivos, falam-nos nos sonhos, pesam-nos na consciência” (COUTO, 2012, p. 189). A morte de Adjiru, portanto, não significou o seu fim, mas um recomeço. No contexto referido pelo romance de Mia Couto encena-se uma “temporalidade espiralada”, que conforme acentua Martin, assegura

a primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, contingências naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais e existenciais. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta. (MARTINS, 2002, p. 84).

É a partir desse tempo espiralar que Mariamar conta a sua história. Num movimento em que tudo vai e volta, avança e retrocede, os tempos se confundem e se estabelece um jogo entre presente, passado e futuro. Assim sendo, os destinos de vivos e mortos permanecem interligados: Adjiru, que viveu no passado, faz-se presente na vida de Mariamar, na tentativa de lhe possibilitar um futuro. A identidade de Mariamar está assim diretamente ligada à do

seu avô, que, mesmo morto, continuava a viver por meio da neta. O avô desde sempre ajudava Mariamar a libertar-se de preceitos que a escravizavam, ajudava-a a caminhar sob as trevas e a encontrar uma saída.

Talvez você, minha neta, acredite não ser pessoa. Há visões que a assaltam, há delírios que para sempre a perseguirão. Mas não acredite nessas vozes. Foi a vida que lhe roubou a humanidade: tanto a trataram como um bicho que você se pensou um animal. Mas você é mulher, Mariamar. Uma mulher de alma e corpo. E mais do que isso: você, Mariamar, pode ser mãe. Fui eu que inventei que você era uma mulher seca, infértil. Inventei essa falsidade para que nenhum homem de Kulumani se interessasse por si. Estaria assim solteira, disponível para sair e criar novas raízes, longe daqui, livre para ter filhos com alguém que a tratasse como mulher. [...] Não tarda que você, minha neta, seja de novo a minha Mariamar Mpepe. Longe de Kulumani, longe do passado, longe do medo. Longe de si mesma. (COUTO, 2012, p. 236-237).

Como se vê no fragmento acima, Adjiru tentava a todo custo mostrar um caminho em que Mariamar se sentisse livre para fazer as suas próprias escolhas. Por isso, ao mesmo tempo em que Adjiru pode ser percebido como um símbolo da tradição, representando o ancestral que realiza a mediação entre os vivos e os mortos, ele se afasta dos valores tradicionais, porque, em um contexto em que as mulheres são subjugadas aos homens, ele incentiva a neta a partir. O avô considerava que, longe da Aldeia, Mariamar poderia livrar-se das tradições que a aprisionavam, salvando-se da maldade dos homens de Kulumani e, principalmente, de si mesma.

Assim como Mariamar, protagonista de **A confissão da Leoa**, é ligada, desde à infância, ao avô Adjiru Kapitamoro, seu ancestral mais próximo, Ponciá Vicêncio, protagonista do romance **Ponciá Vicêncio** (2003), da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, também constrói a sua identidade segundo a relação que estabelece com a figura do Vô Vicêncio. Como destaca Maria José Somerlate Barbosa, na leitura que efetua do romance de estreia de Conceição Evaristo, em **Ponciá Vicêncio**, fica acentuada a

[...] questão da identidade de Ponciá, centrada na herança identitária do avô e estabelece um diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginado. [...] Segundo a autora, Ponciá buscava “emendar um tempo a outro”, procurava “significar mutilações e ausências” e incorporar “pedaços excedentes”. De modo que o tempo é de extrema importância neste romance, pois a ligação entre o passado e presente torna-se o fio condutor do texto, já que Ponciá trabalha cada lembrança “como alguém que precisasse recuperar a primeira veste, para nunca mais se sentir desesperadamente nua”. (BARBOSA, 2003, p. 8).

Como **A Confissão da leoa**, o romance **Ponciá Vicêncio** também não apresenta uma linearidade temporal. A demarcação da temporalidade, nesta obra, não é feita através de dias, meses ou anos, pois os tempos se fragmentam e confundem. Acompanhamos o avançar e o retroceder do tempo, de acordo com os acontecimentos que marcam a vida das personagens, sobretudo, Ponciá Vicêncio. Dessa forma, em **Ponciá Vicêncio**, também prevalece a concepção de tempo espiralar, apresentada por Leda Martins, já que “o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma experiência acumulativos, que habitam o presente e o futuro, sendo

também por eles habitado” (MARTINS, 2002, p. 85). Regida por esse movimento espiralar, a história de Ponciá Vicêncio desenrola-se em cenários marcados pelo abandono e por diferentes formas de carência. Sentindo-se perdido no vazio da existência, revivendo o sofrimento dos seus ancestrais, a personagem retoma momentos de sua vida:

Lembrava-se da sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau-a-pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam. Crescera na pobreza. Os pais, os avôs, os bisavôs sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. [...] A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2003, p. 83).

A história de Ponciá, portanto, é construída por fragmentos de memória, em que se misturam as lembranças do Vô Vicêncio, da mãe Maria Vicêncio, do irmão Luandi, do pai, do marido e de tantos outros personagens, que, mesmo de modo diferente, a fazem deduzir que “os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida” porque todos compartilham das mesmas misérias. Quando criança, Ponciá “acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma nova vida, avançar sobre o futuro” (EVARISTO, 2003, p. 33). Movida por esses ideais, ao tornar-se adulta, Ponciá deixa o povoado rural em que habita, para tentar construir uma vida nova na cidade, com a promessa de retornar para buscar a família. Na cidade, Ponciá depara-se com um contexto de miséria e abandono ainda mais violento do que na zona rural. Desse modo, frustrada por não ter realizado os seus sonhos e longe da mãe e do irmão, suas referências de afeto, Ponciá vai se anulando, vai se perdendo de si mesma, entrando em um estado de alheamento:

Ponciá Vicêncio deitou-se na cama imunda ao lado do homem e de barriga para cima ficou com o olhar encontrando o nada. Veio-lhe a imagem de porcos no chiqueiro que comem e dormem para serem sacrificados um dia. Seria isto a vida, meu Deus? Os dias passavam, estava cansada, fraca para viver, mas coragem para morrer, também não tinha ainda. O homem gostava de dizer que ela era pancada da ideia. Seria? Às vezes, se sentia, mesmo, como se a sua cabeça fosse um grande vazio, repleto de nada e de nada. [...] O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2003, p. 33-34).

Como podemos perceber no excerto acima, depois de ter se mudado para a cidade e deparar-se com uma vida ainda mais miserável do que a que levava na zona rural, Ponciá, vai alheando-se da realidade, passando a viver em um estado quase vegetativo. Nesse processo doentio, em que vai se perdendo de si mesma, Ponciá tenta se encontrar na rememoração das suas histórias e da história dos seus. Recorda-se da mãe, do pai, do irmão, dos vizinhos, dos sete filhos que nasceram e morreram logo em seguida, dos tempos de quase felicidade com o marido, das ilusões da infância, entre tantas outras memórias. A cabeça de Ponciá torna-se um

acervo de recordações. Dentre essas lembranças, a mais marcante, mais forte e insistente é a do Vô Vicêncio:

O primeiro homem que Ponciá Vicêncio conhecera fora o avô. Guardava mais a imagem dele do que a do próprio pai. Vô Vicêncio era muito velho. Andava encurvadinho com o rosto quase no chão. Era miudinho como um graveto. Ela era menina, de colo ainda, quando ele morreu, mas se lembrava nitidamente de um detalhe: em Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado para trás. Ele chorava e ria muito. [...] Ponciá Vicêncio, mesmo menina de colo ainda, nunca esqueceu o derradeiro choro e riso do avô. Nunca esqueceu que, naquela noite, ela, que pouco via o pai, pois ele trabalhava lá nas terras dos brancos, escutou quando ele disse para a mãe que Vô Vicêncio deixava uma herança para a menina. (EVARISTO, 2003, p. 15).

Embora Ponciá tenha tido pouco contato com o Vô Vicêncio, pois ele morreu quando ela ainda era criança de colo, ela guardava a imagem dele, e mais que isso, guardava os gestos e o jeito do avô em si mesma. Mais que os traços físicos que se assemelhavam aos do avô, Ponciá carregava uma misteriosa herança do seu ancestral, um legado que a acompanharia em qualquer lugar que ela fosse:

A menina ouvira dizer algumas vezes que Vô Vicêncio havia deixado uma herança para ela. Não sabia o que era a herança, tinha vontade de perguntar e não sabia como. Sempre que falavam dele (falavam muito pouco, muito pouco) a conversa era baixa, quase cochichada e quando ela se aproximava, calavam. Diziam que ela se parecia muito com ele em tudo, até no modo de olhar. Diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio. Ponciá Vicêncio não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio. (EVARISTO, 2003, p. 29).

Com a distância da família e as consecutivas perdas que vai sofrendo, Ponciá fica cada vez mais parecida com o avô. Além de olhar o vazio, ela vai se enchendo de vazios, tornando-se a cada dia mais alheia, mais distante da realidade. A herança deixada pelo avô torna-se cada vez mais visível na neta e, nela, vai ganhando consistência. O alheamento da realidade vai tirando a sanidade de Ponciá e, assim como o avô, ela vai se afastando do mundo e de si mesma, até enlouquecer. A loucura é, portanto, o legado que o avô deixara para Ponciá. É a herança que ela terá que carregar. A loucura de Ponciá advém dos anos de miséria, sofrimento e anulações que a fazem alhear-se da realidade, enlouquecer como o avô, que também não suportara as muitas provações que sofreu durante toda a vida, enlouquecendo por fim. Depois de anos sendo explorado pelos patrões e de ter os quatro filhos vendidos, em pleno vigor da Lei do Ventre Livre, o desespero o venceu: “Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão” (EVARISTO, 2003, p.51). Com a tentativa fracassada de suicídio, Vô Vicêncio passou a ter acessos de choro e riso, se enclausurando em um mundo só dele. Um mundo de ausências e vazios.

Os mesmos ataques do velho Vicêncio assaltariam a sua neta, Ponciá, anos mais tarde. No princípio, quando “o vazio ameaçava encher a sua pessoa, Ponciá ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de

seu próprio eu” (EVARISTO, 2003, p. 45). A loucura que atingiria Ponciá já estava no seu destino, não havia como fugir, mas ao perder o elo com a mãe e o irmão, que sempre foram a sua referência de afeto, Ponciá sucumbe e se deixa possuir pela demência.

Vê-se, então, que a ligação de Ponciá com os seus ancestrais, assim como se dá com Mariamar e seu avô Adjiru, no romance de Mia Couto, é o que equilibrava a personagem criada por Conceição Evaristo. Quando Ponciá se distancia da família e do trabalho que executava com o barro, é acometida pela solidão e marcada pelo abandono, tornando-se mais suscetível à indesejável herança deixada pelo avô.

Fica claro que Ponciá se alimenta das recordações dos seus e da vida exercida junto com a sua família, com o trabalho que os unia. Na cidade, a saudade vai lhe consumindo à medida que o tempo vai passando. As lembranças dos tempos vividos junto dos seus, do barro trabalhado junto da mãe para fazer objetos que eram distribuídos dentro e fora da sua comunidade aguçam o vazio que Ponciá passa a sentir. Faltava-lhe a energia do barro, a força advinda da presença dos familiares. Como afirma Dionísio, a falta que invade a personagem:

[...] pode ser entendida como a saudade de sua ancestralidade, saudade essa que a personagem não consegue explicar, mas sabia estar relacionada ao seu destino. [...] Essa descrição dos trabalhos que mãe e filha fazem demonstra a ligação que as personagens têm com o barro e dão-nos a dimensão da memória coletiva e que pode estar ligada à mesma memória dos congolezes e suas aproximações com a ancestralidade contida nesses trabalhos. [...] Havia uma relação direta com a energia vital de Ponciá e sua família com as energias advindas do barro. (DIONÍSIO, 2013, p. 75).

As considerações de Dionísio ressaltam o fato de o barro mediar a relação de Ponciá com os seus ancestrais. O barro aproximava a personagem da natureza e das águas que a revigoravam. Valendo-se dos conhecimentos milenares deixados pelos seus ancestrais, Ponciá conseguia fazer verdadeiras obras de arte com a argila, e, ainda criança, construiu uma estátua do Vô Vicêncio com detalhes minuciosos: “os olhos, a boca, as costas encurvadinhas, a magreza, o bracinho cotoco, tudo era igual, igualzinho. A boca ensaiava sorrisos, mas no rosto, a expressão era de dor” (EVARISTO, 2003, p. 22). Ponciá sente saudades do barro, assim como sente falta dos seus familiares. Por isso, ao reencontrar a escultura do avô que fizera ainda na infância, depois de anos distante da família, alegrou-se, pois pressentiu que ainda mantinha contato com os seus antepassados:

Ponciá Vicêncio cheirou a mão e sentiu o cheiro do barro. [...] Correu lá no fundo da casa, no seu quarto de empregada, e tirou o homem-barro de dentro da trouxa. Cheirou o trabalho, era o mesmo odor da mão. Ah! Então, era isso! Era o Vô Vicêncio que tinha deixado aquele cheiro. Era de Vô Vicêncio aquele odor de barro! O homem chorava e ria. Ela beijou respeitosamente a estátua sentindo sua palpável saudade do barro. [...] Ouviu murmúrios, lamentos e risos... Era Vô Vicêncio. Apurou os ouvidos e respirou fundo. Não, ela não tinha perdido o contato os mortos. (EVARISTO, 2003, p.74-75).

É possível dizer que, do começo ao fim do romance, o que Ponciá buscava era o encontro com os seus ancestrais, mas, sobretudo, o encontro consigo mesma. Ao sair da zona rural,

Ponciá se distanciou do seu chão, das suas raízes, por isso, foi sendo dominada pelo vazio, até enlouquecer. Para encontrar o equilíbrio perdido e amenizar a sua angústia, Ponciá precisou voltar ao seu lugar, voltar para o rio onde estavam os seus mortos, pois “o lugar dos ancestrais é a água, onde habitam com a sua força vital. Quem os leva a esse caminho é o barqueiro, que seria o mesmo ente de ligação de Ponciá com o seu destino” (DIONÍSIO, 2013, p. 77). E assim, do mesmo modo que a personagem Mariamar buscava o aconchego das águas do mar para não ser consumida pela desesperança, Ponciá procurava o conforto do rio, pois lá estava o barro com o qual moldaria o seu destino:

Maria Vicêncio, agora de olhos abertos, contemplava a filha. A menina continuava bela; no rosto sofrente, feições de mulher. Por alguns momentos, outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. Lá estava a sua menina única e múltipla. Maria Vicência se alegrou, o tempo de reconduzir a filha à casa, à beira do rio estava acontecendo. Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver. [...] Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de vir. E do tempo lembrado e esquecido de Ponciá Vicêncio, uma imagem se presentificava pela força mesma do peso de seu vestígio: Vô Vicêncio. [...] Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto, Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio. (EVARISTO, 2003, p. 127-128).

Depois de idas e vindas, de muitas dores e perdas, de encontros e desencontros, de choros e risos, de muito lembrar e também de tentar esquecer, Ponciá reencontrou a sua mãe Maria Vicêncio, o seu irmão Luandi e voltou para o rio. Nas águas do rio, protegida pelos seus antepassados, ela se encontrou com a sua história e, em um só tempo, vivenciou todos os tempos: “Vivenciar o tempo significa habitar uma temporalidade curvilínea, concebida como um rolo de pergaminho que vela e revela, enrola e desenrola, simultaneamente, as instâncias temporais que constituem o sujeito” (MARTINS, 2002, p. 84). Ao vivenciar o tempo, Ponciá recolheu em si não só a loucura do Vô Vicêncio, mas a dolorosa história de todos os seus ancestrais.

Ao analisarmos as narrativas de Mia Couto e Conceição Evaristo, procuramos ressaltar que as personagens Mariamar, do romance **A confissão da leoa**, e Ponciá, do romance **Ponciá Vicêncio**, são mulheres que têm a vida marcada pelo sofrimento que as levam à anulação. Em um mundo de opressão em que as mulheres são brutalmente oprimidas e silenciadas, elas tentam resistir para sobreviver. Nesse contexto de repressão, elas estabelecem uma forte ligação com um ancestral mais próximo, representado na figura do avô que influencia diretamente a identidade e o destino das duas mulheres. Assim, ao venerarem os seus ancestrais, Mariamar e Ponciá Vicêncio reverenciam passado e presente, a vida e a morte, a continuidade e a mudança. Entendem, portanto, que a roda da vida vai e volta, e que o passado sempre será uma fonte inesgotável de motivações para o presente e também para o futuro.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. As religiões. In: **O desafio do escomburo**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné- Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 92-97.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Prefácio. In: **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- COUTO, Mia. **A Confissão da Leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DIONÍSIO, Dejair. **Ancestralidade bantu na literatura afro-brasileira**: reflexões sobre o romance **Ponciá Vicêncio**, de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. (Orgs.). **Performance, exílio, fronteiras** – Errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 69-91.
- PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra**: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.